

A BENVINDA ANGUSTIA DO DESVELAR: ENSINAMENTOS DAS SOMBRAS DO CÁRCERE

Juliano Gomes de Carvalho¹
Mestrando PUC/RS

Epígrafe

Afinal, o senhor morreu, ou não? – Sim, respondeu o caçador. O senhor pode bem ver que sim. Faz tempo, muitos, muitíssimos anos, que eu caí de um precipício na Floresta Negra².

V.M.: é o bem debaixo. No chão, né, no caso. Bem embaixo. Então eu durmo no sarcófago mas bem no começo que eu cheguei eu dormia no meio, na pedra né? Na cela. Mas agora eu comprei um sarcófago pra mim e eu durmo no sarcófago³.

Resumo: O presente artigo pretende abordar alguns aspectos referentes ao novo que se apresenta em momentos em que se permite um olhar ao não aparente, ao invisível sombrio, não aquele que nos coloca a perigo, mas aquele que nos presenteia com o perigo de um caminhar genuinamente novo, a novidade do Outro, assim continuando na trilha de um estudo sobre a problemática carcerária referente especialmente aos mecanismos de linguagem oriunda do interior das prisões e sua relação com os conceitos definidores desta população. Partindo da própria imagem, sua clareza e suas sombras, até seu dizer que pretende-se delinear o texto diante de uma lente diferenciada sobre a violência biopolítica que ali se apresenta.

Palavras-chave: Linguagem no cárcere – violência biopolítica – prisões.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUC/RS com o projeto de pesquisa “*Antologia dos Homens Infames - um ensaio sobre a palavra do interior do cárcere*”, sob orientação do prof. Dr. Ricardo J. Gloeckner.

² KAFKA, Franz. Contos, fábulas e aforismos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993, p. 24-25.

³ V.M. em entrevista concedida a Juliano Carvalho em janeiro de 2011.

Abstract: This text seeks to address some aspects related to the *new* that presents at moments which is allowed a glance at the non apparent, to the invisible shadowy, not the one which places us in danger, but one that presents us with the danger of a genuinely new walking the novelty of the *Other*, as well continuing on the trail of a study on carceral issues relating specifically to language mechanisms originated from inside the prisons and its relationship to the concepts defining this population. Starting from the image itself, its clarity and its shadows, until it's *saying* that it is intended to outline the text before a differentiated lens on violence biopolitics that is there present.

Keywords: Language in prison - biopolitic violence – prisons.

INTRODUÇÃO

O dizer do Outro que se encontra no cárcere é o ponto inicial de uma proposta de estudo que se desenvolve em direção de dissertação a ser defendida a nível de mestrado. Estudo que posiciona o discurso do homens e mulheres que nos fornecem fragmentos de suas vidas em histórias a possibilidade de vislumbrar o que vive, o que reside no interior dos muros da prisão. Portanto é destes *homens infames*⁴ que falamos quando nos referimos ao Outro mutilado pelo conceito e pelo absoluto do *dito*. Para além das claras questões que se estendem ao posto como conhecido do homem, nos propomos neste trajeto pulsante de vida, onde são os voluntários que contribuíram com suas falas, o real motivo do deslocamento da zona de conforto de uma suposta *verdade* em direção ao inconceituável. Na continuação da construção de um estudo frente aos dados coletados em mais de cinquenta horas de conversas no interior do Presídio Estadual de Camaquã⁵ e que compõem a proposta de dissertação de mestrado, percebemos as falas mudas e os silêncios que desafiam um estudo que tenta perceber o Outro que tenta *ser* apesar do cárcere. Em um momento em que apenas o desconforto de um som diferente, um ruído inicial que desloca as *verdades* postas

⁴ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 6a. Edição. Lisboa: Passagens/Vega, 2002 p. 103.

⁵ Dados referentes à publicação da primeira fase desta pesquisa expostas principalmente em dois momentos: CARVALHO, Juliano Gomes. “**Escuta Prisional**: Presídio Estadual de Camaquã – apontamentos iniciais sobre as vozes do ‘cemitério dos vivos’”. In: *Anais do XIII Seminário Intermunicipal de Pesquisa - XI Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos – VIII Mostra de Atividades Extensionistas e Projetos Sociais da ULBRA (Campus Guaíba)*. Guaíba: 2010 [Formato Digital]; e CARVALHO, Juliano Gomes. “**Uma Radiografia dos Apenados na Sociedade Camaquense**”. In: *Anais do XII Seminário Intermunicipal de Pesquisa – X Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos – VII Mostra de Atividades Extensionistas e Projetos Sociais da Ulbra Campus Guaíba*. Guaíba: 2009 [Formato Digital].

como sólidas pela violência biopolítica que massifica uma leitura conveniente sobre os maus/feios. Uma tentativa de autorizar o íntimo de uma parcela da população, onde sua expressão é submetida aos conceitos estratégicos para que as coisas continuem como estão, em seus devidos lugares, são estes excluídos e que vivem em uma situação de *apátrida*, que aqui apenas remete ao banimento social dentro do território que deveria pertencer, mas que em estado de “vida nua”⁶ se encontra realmente. Estes apátridas são vistos portanto, como invasores de um território dominado pelo homem de bem, que é posto naturalmente como um consumidor apto, sua atitude de rompimento de membranas sociais que delimitam as áreas, onde cada um apresenta a situação de uma invasão de um tipo de *refugiado*, um estranho que pode oferecer perigo por ser *o desconhecido*⁷. Mais do que um “refugo”⁸ do progresso que acaba por ser depositado nas prisões, são usados como fonte de uma ideia de perigo constante, um sentimento sombrio e que se apresenta em uma bem elaborada questão psicológica⁹ onde é dedicado a representação do mal e sombrio que reside no interior dos muros, sejam físicos ou não. Nos protegemos do que é impuro e que vive nas sombras, portanto removemos os dejetos que nos encaram e nos julgam com seus olhos impiedosos, sua invisibilidade é importante para que o que é visível tenha a ilusão de que se apoia em sua assepsia racional e não na violência humana, estes perigos do outro lado da fronteira apenas preocupam quando as defesas falham e o anônimo mostra que sua presença trás consigo o “perigo”¹⁰.

A ANGÚSTIA DO PULSAR VIVO DAS SOMBRAS

O homem que ainda pulsa no subterrâneo dele mesmo, onde esconde as suas particularidades, encontra em lugares dos mais diversos o mutilar do diverso, mas apesar de seus esforços, a novidade do outro não desiste em nos acenar. Mesmo quando em jaulas ainda procura fissuras na luz cegante do conceito para dizer quem

⁶ AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 135.

⁷ BAUMAN, Zygmunt **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 85.

⁸ BAUMAN, Zygmunt **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 12.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 08.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 38.

não sou nas sombras do encontro. Em momentos que oportunizam a fala no interior de prisões vemos algo diferente do que é posto como discurso oficial da massa carcerária, ou ainda a naturalidade de absurdos no controle que desconhece limites aos que não enxergam o Outro como possuidor de algum valor, o “direito à posse de uma linguagem, não alienada, de uma ordem simbólica que nos assegure vivos”¹¹, a alguma humanidade sob a mesma justificativa da periculosidade e a manutenção da ordem. É justamente a distância entre o que é dedicado ao apenado e o que é expressado por ele que choca, para além dos obstáculos físicos que estas instituições colocam, a superação do controle da expressão fracassa a cada momento onde o ruído desconfortável controlado encontra a fenda, a perda de um foco controlado do olhar, que serve como válvula de escape ao Outro que traumatiza com sua fuga do *dito* rumo ao som de um *dizer*, o seu *importuno* pulsar de vida. As instituições são veículos que oficializam linguagens e constroem imagens a ser idolatradas e odiadas, excluindo e reduzindo as significações para uma melhor gestão do homem, a “estereotipação discursiva”¹² sequestra os sentidos originais, com o uso do discurso como retórica oficial relacionada a uma retórica do corpo em uma perspectiva de “semiologia política”¹³ da ao discurso não apenas o poder de persuadir, mas de se apoderar do corpo.

Visto que mesmo em sua caminhada temporal o homem contradiz o mundo com sua insistência em metabolizar oxigênio e permanecer vivo, mesmo que nas sombras, carece de uma identidade liberta. Os *sans identité*¹⁴, estas quase sombras que por mais que busquem um lugar, um tempo, insistem em um não lugar, talvez aí seja seu lugar definido pela racionalidade da razão que não alimenta¹⁵, a *razão artilosa*¹⁶ com suas habilidades de manter o novo distante e inacessível é a condição de sua existência, que sobrevive por sua competência em encarar as questões plurais

¹¹ WARAT, Luis Alberto. **Introdução geral ao direito III**: o direito não estudado pela teoria jurídica moderna. Porto Alegre, Sergio Antonio Fabris Editor, 1997, p 47.

¹² WARAT, Luis Alberto. **O direito e sua linguagem**. 2^a. edição aumentada, Sergio Antonio Fabris Editor, Porto alegre, 1995, p. 102.

¹³ WARAT, Luis Alberto. **O direito e sua linguagem**. 2^a. edição aumentada, Sergio Antonio Fabris Editor, Porto alegre, 1995, p. 102.

¹⁴ LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 4^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 89-109.

¹⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 28.

¹⁶ SOUZA, Ricardo Timm. “**O nervo exposto – por uma crítica da ideia de razão desde a racionalidade ética**” in: GAUER, R. M. C. (Org) *Criminologia e sistemas jurídicos-penais contemporaneous II*.

resumindo a multiplicidade à unidade¹⁷. Na incapacidade de inclusão do Outro que me desafia pelo fim de uma solidariedade acabamos por calcular a ética com o Outro economicamente como se o fracasso alheio fosse uma derrota exclusivamente do homem que escolheu este destino por incapacidade de lidar com as regras da modernidade e portanto, “O Estado de bem-estar? Não podemos custeá-lo”¹⁸. A solidariedade tornou-se uma atitude inferior, dedicada a pessoas ingênuas e detentoras de uma irresponsabilidade quase criminosa e desonrosa, talvez seja a grande dificuldade em falar sobre uma posição de alteridade especialmente frente a uma população prisional, que mesmo antes de sua vida entre muros físicos já eram cercadas pelos muros da *razão ardilosa*.

A incapacidade de vislumbrar o novo que se mostra indefinível, nas sombras, retira a segurança daquilo que se pensa controlar, a contradição do homem que fita e traumatiza é evitada a qualquer preço por quem tem preconceito como forma “pré-consciente de medo”¹⁹, o medo de ter medo que se mostra a saída de quem tem em sua incapacidade humana o porto seguro para uma realidade cristalizada que nega a chance de que encontro com o diverso, repele a possibilidade de reconhecer algo que não seja uma imagem do *eu*, em uma negação de uma “tentação da alteridade”²⁰, afinal nos deparamos com egos frágeis que escondem-se em conceitos rígidos que lhes proporcionam segurança da morte do *dizer* reduzida ao *dito*²¹, o que se fortalece em sua temporalidade, para que não se tenha a necessidade de sermos justos com a justiça em um movimento de *desconstrução*²² como desejo de justiça, uma ideia de justiça infinita, justamente por ser o Outro o infinito antes de qualquer contrato. Assim, temos que de antemão ter a sensibilidade de que o reconhecimento do sentido da violência como não sendo um acidente vindo de fora do direito, pois o que ameaça o direito faz parte dele, “ao direito ao direito, à origem do direito”²³.

¹⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. **Em Torno à Diferença**, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008, p. 25.

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Marinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 51.

¹⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Em Torno à Diferença**, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008, p. 35.

²⁰ SOUZA, Ricardo Timm de. **Em Torno à Diferença**, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008, p. 38.

²¹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Kafka: a justiça, o veredito e a colônia penal**, um ensaio. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 22.

²² DERRIDA, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. Tradução de Leyla Perone-Moisés. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 49.

²³ DERRIDA, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. Tradução de Leyla Perone-Moisés. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 82.

Assim, muito mais do que o seu corpo habita a *anonimidade*²⁴, o som que ultrapassa as fronteiras do seu corpo é alvo da violência biopolítica que o posiciona apenas ruidosamente no abismo que separa o infinito do Outro. Sem uma percepção desta “gesticulação do desespero”²⁵, seguimos com a liberdade que não liberta, mas longe de uma “esperança de libertação”²⁶, e que apenas nos conduz ao inevitável e definitivo do *dito*. A ultrapassagem que ocorre do fracasso da eternidade do “preconceito à violência que é sua expressão final”²⁷ se dá pela morte do sonho de homogeneidade frustrada pela permanência insistente do diferente.

A comunicação que é aceita como vinda do cárcere se submete ao que se pode narrar sem muitas explicações, longe da “arte narrativa”²⁸, as histórias evitam a interpretação, carregam todas as explicações possíveis para que se solidifique apenas o que se controla. Desta maneira, vale ressaltar a importância de um novo olhar/escuta das expressões oriundas do ambiente carcerário, não para aplicar um novo método e *re-velar* outra coisa, mas antes de uma tentativa de entender a linguagem, saber de antemão que as definições são indefinidas em seu nascedouro, “o sentido gira em torno do dito e do calado”²⁹, em seu não visível, e desde que tentam encerrar, é neste sentido, mais uma prisão, agora científica do inconceituável Outro.

O corpo contraditório que nega a descrição solitária, mas que abraça sua narrativa acolhedora, é em seu *testemunho*³⁰ a sobre da lógica do *dito*, onde talvez a palavra *sobra* acabe sendo mais uma violência, pois o que escapa ao *dito* tende a ser imensuravelmente maior que o quebra-cabeças a ser decifrado de um discurso³¹. Escutar algo de quem não tem identidade, requer uma aproximação, um mergulho nas sombras, pois é na possibilidade de perceber a dor *inútil* do outro em uma relação de

²⁴ SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 13.

²⁵ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 6^a. Edição. Lisboa: Passagens/Vega, 2002, p. 95.

²⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012 p. 26.

²⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. **Em Torno à Diferença**, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008, p. 44.

²⁸ BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8^a. Ed. revista. (obras escolhidas v. I) São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 219.

²⁹ WARAT, Luis Alberto. **O direito e sua linguagem**. 2^a. edição aumentada, Sergio Antonio Fabris Editor, Porto alegre, 1995, p. 65.

³⁰ CASTOR, M. M. Bartolomé Ruiz. **A sacralidade da vida na exceção soberana**, a testemunha e sua linguagem. (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben. In: Cadernos IHU n. 39, ano 10, 2012, p. 32-50.

³¹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais** Itinerário da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004., p. 74.

alteridade que temos alguma capacidade de encontro. Ainda sem buscar saber a dor do outro, saber que não sei, saber que o Outro é mais do que as limitações de meu eu. As sombras acabam possibilitando vislumbrar o que era encoberto pela luz focada em um ponto fixo, a ser mostrado intensamente cegante, a amplitude de um olhar/escuta que aceita o nebuloso, surpreendentemente se abre ao inevitável trauma do encontro, um novo som, mesmo que sem som, mudo.

É na “consciência da consciência” que a temporalidade faz a dor significar³² e apenas no tempo, mesmo que de silêncio, nos “intervalos”³³, visto que a dor nasce muda, a experiência do traumático do não-eu ocorra. Em silêncios encontramos mais do que um *não dito* que encaminha uma cadeia de dizeres possíveis, mas pode ser uma total incapacidade de som que emudece por não possuir espaço em sua expressão, e que não seja ao mesmo tempo uma violência ao que transborda e vai além. Um silêncio que grita, um *dizer* demasiadamente estridente que apela ao irrepresentável subterrâneo. Ao lidar com questões que consideram um apenas detentor de particularidades ao ponto de quebrar a hegemonia da luz do discurso oficial, acabamos por causar o desconforto de quem não fornece uma resposta, mas muda constantemente as perguntas, assim, recorrentemente é considerado rebelde quem procura o Outro, afinal reconhecer que a expressão vinda do interior da fronteira dos muros frios e que escondem o *perigo* é valiosa como conhecimento e concede ao pesquisador também o estigma de quem está do lado dos *maus* e flerta com as *sombras*. Falar sobre humanos no cárcere ainda é um problema, um pré-conceito do pré-conceito. Desconstruir a máquina kafkiana que imprime a sentença na pele de cada um porque “seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne”³⁴, é vista como o perigo do novo, questionar a lógica de enunciados que movem as engrenagens é dar à vitalidade da linguagem do novo, campo para reconhecer o sempre inacabado processo do *dizer*³⁵.

A (in)capacidade de racionalizar o que escapa acaba por ser violentada pela racionalidade que fundamenta uma massa categorizada, agora não mais humana, mas

³² SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 34.

³³ SOUZA, Ricardo Timm de. **Em Torno à Diferença**, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008, p. 44.

³⁴ KAFKA, Franz. **O Veredito / Na Colônia Penal**. Tradução de Modesto Corone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 36.

³⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. **Kafka**: a justiça, o veredito e a colônia penal, um ensaio. São Paulo: Perspectiva, 2011, p 15.

que não se deixa sofrer pelas contradições de uma razão que em suas manobras mantém seu crédito. Principalmente quando tratamos de uma população carcerária, percebemos uma cristalização de uma categoria coisificada para repelir as pluralidades, pois esta imunização contra o singular, ou o diferente³⁶ é conveniente para que não se lide com uma pessoa, mas sim com a massa. A fronteira das grades são apenas a mais crua no caminho da “mortificação do eu”³⁷ que é implementada desde o momento em que a justiça penal alvejou sua clientela, sem uma pessoa, mas apenas a massa mais homogênea possível, toda punição é pouca e de maneira mecânica é aplicada na carne. A linguagem no cárcere carece de ouvidos receptivos, uma luminosidade difusa que acolha o invisível, mas a rotina que infantiliza o interno para que ele seja visto sempre como incapaz e detentor de um sentimento de *dívida*³⁸ anterior ao cárcere e que apenas será agora devidamente paga. A máquina não faz questão de que a punição seja ao menos conhecida pelo apenado, pois ainda se acredita que a marca na pele registra o que interessa ao sistema. Entre os muros, mais do que possibilitar existir apenas o que pode ser abreviado, não só a narrativa é uma *short story*³⁹ mas um *short self*. A imagem tecnicizada que tende a ser o mundo, tem apenas uma relação a partir de conceitos relativos ao mundo, mas possui o poder de fazer o observador receber a imagem programada com a confiança de sua própria visão de *funcionário*⁴⁰, longe do *sentido encoberto pelo significado*⁴¹.

Assim como uma totalidade feita pensamento em uso para uma “raça”⁴² a ser conceituada e amputada de sua verdade, agora torna-se outra *coisa*, o mesmo ocorre com o grupo catalogado, classificado e massificado no interior dos muros. A massa não se limita aos seus espíritos, mas em diferentes níveis de produção de subjetividades dando um tom regido pela batuta de um controle, até mesmo dos sonhos que precisam se adequar aos que se espera cristalizar do *mal*, alimentando a

³⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 39.

³⁷ GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 8^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 24.

³⁸ GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 8^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 246.

³⁹ BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8^a. Ed. revista. (obras escolhidas v. I) São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 223.

⁴⁰ FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Apresentação de Norval Baitello Junior. São Paulo: Annablume, 2011, p. 30-31.

⁴¹ WARAT, Luis Alberto. **O direito e sua linguagem**. 2^a. edição aumentada, Sergio Antônio Fabris Editor, Porto alegre, 1995, p. 65.

⁴² SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 39.

sociedade delirante que o traduz e faz do preconceito o porto seguro de quem finge pensar no outro, mas fixa-se apenas em seu medo do rosto que interpela.

Como os mecanismos punitivos, em sua nudez na prisão, são influenciados e construídos de acordo com os pensamentos de que os esforços para lidar com as humanidades não valem a pena, os pensamentos em torno do seu *dizer* é ainda mais soterrado pela prisão mental⁴³ que o homem refugia-se, pois diante das certezas as experiências são dispensadas. *Sinceridade*⁴⁴ no que tange a impotência ou humildade acaba por ter aqui o sentido de que optemos por, indefesos, disposto ao *sofrer* para além do suportável.

Ainda, a *nostalgia da origem*⁴⁵ se afirma em um tempo onde a verdade está posta pela clareza de toda sua força e partindo de uma posição de busca de uma verdade de origem que destrói o futuro incerto, mas apenas como uma reconstrução da origem, encontramos aqui a tensão do tema da verdade de quem não tem a *liberdade de libertar-se*⁴⁶ de sua categoria. Ainda tratando apenas uma imagem programada de quem agora é massa, a tradução técnica amputante do discurso prisional busca livrar a sociedade da necessidade de interpretação do que se mostra⁴⁷.

Se a tradução violenta do Outro está posta como verdade, apenas a expansão tem lugar no trato desta fala. É pela força de um *traduttore traditore*⁴⁸ que o embate passa por todos os níveis e risca o corpo em todas suas camadas, em um mundo de dominados e dominadores a guerra é sempre o problema e a solução para uma constante conquista/manutenção da *verdade*. Assim a lógica de legitimação de que a massa carcerária e sua *palavra-tempo*⁴⁹ não fala, apenas mente, é fundamentada também por esta violência biopolítica que foca apenas uma parcela que alimenta o que se pensa dominar. O testemunho como uma *falta* acaba por ter a potência de algo que escapa e só se encontra em uma *zona imprevista*⁵⁰, das sombras de sentido, do

⁴³ SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 41.

⁴⁴ LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 4^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 101.

⁴⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 40.

⁴⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 26.

⁴⁷ FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Apresentação de Norval Baitello Junior. São Paulo: Annablume, 2011, p. 33.

⁴⁸ Tradutor traidor.

⁴⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais** Itinerário da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 76.

⁵⁰ AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. Tradução de Severino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 43.

intestemunhável, que sucumbe frente a planificação da imagem de um grupo alvo. A produção de conhecimento científico da prisão confere o testemunho programado de quem apenas opera a máquina que não permite outro som/imagem que desconstrua outra imagem/som, pois “não há voz para a extinção da voz”⁵¹. O aprender a escutar/olha precisa de novas maneiras de olhar/escuta, onde o silêncio precisa ter espaço de testemunho da *vida nua*.

A tentativa de escuta do cárcere precisa superar a lógica de compreensão perfeita como um “mosaico morto”⁵², pois a inércia de conceitos não são conectados com a realidade, apenas se colocam como *idolatria*⁵³ de uma imagem do cárcere. O *dizer*, mais do que controlado pelo corpo, sofre com um *dito* referente a uma *imagem*, dificultando a escuta do homem conceituado, mas que apesar de tudo, está sempre pronto para trincar as lentes da razão quando existe uma possibilidade de encontro, no trauma bem-vindo.

EM TONS DE UMA SEMPRE EM DES-CONTRUÇÃO

Enfim, a angustia do desvelar é bem-vinda ao pesquisador que pretende ir além de uma re-velação. A questão filosófica, aquela que toma de questionamentos aquele que se arrisca no desconforto acaba tomando-a definitivamente como caminho irreversível do pensamento crítico. Caminho que segue justamente com a força de quem não consegue voltar ao posicionamento definitivo, norma-lizado⁵⁴ de conceitos claros. Claridade esta que tem uma direção bem definida e inconteste, um foco que tenta encerrar seu conteúdo por completo, como se isto fosse possível, ignorando as sombras, esta luz cega o observador quando olhada diretamente, apenas o que se propõe a iluminar interessa, encerrada em um limite.

Porém, o sombrio desconhecido não é o oposto do iluminado, pois mesmo o desconhecido nos presenteia com sombras sob sua luz difusa. A imagem dada como posta se desfaz sem o limite do foco totalizante, onde a luz de um luar possibilita

⁵¹ AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Severino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 44.

⁵² SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais** Itinerário da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 79.

⁵³ FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Apresentação de Norval Baitello Junior. São Paulo: Annablume, 2011, p. 23.

⁵⁴ FOUCAULT, Michel. **Seguridad, territorio, población**: Curso en el Collège de France: 1977-1978 – 1a. ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, pg 73-108.

nuances que correm para muito além de uma escala de cinza, previsível e considerada triste como muros de concreto, mas coloca na angústia do *dizer* sempre incompleto e ininterrupto, cores inimagináveis e fascinantes. Pois a visão de uma falta de luz não corresponde a uma incapacidade, uma passividade diante do ato de ver, para reconhecer as sombras nos é exigido um ato, um agir, onde as células chamadas *off-cells*⁵⁵ que correspondem ao *ver o escuro* ativam-se para que este seja percebido pela retina que tem ambas propriedades.

Se esta sombra da novidade se mostra insuportável para alguns como questão filosófica, aquela que pode levar o homem a consumir-se pela vontade de achar-se ou de perder-se definitivamente, para quem recebe o trauma do Outro como a novidade que não cessa, pode ser libertador, liberdade de libertar-se para além do *re-velar* que apenas coloca outro *dito* no lugar do que antes *disse*, mas desvela apenas, sem intenção de definir, apenas de desconstruir, abre-se absolutamente.

Ainda sobre o fascinante sombrio, longe de alguma espécie de perigo que se tenha que evitar, pois inevitável desde o ponto de não-retorno ultrapassado pela primeira quebra da verdade totalizante, o t(r)emor presente é do caminhar cambaleante de quem *profana*⁵⁶ o manual que ensina a marchar com lanternas focais e não com velas que nos presenteiam com as sombras, então podemos vislumbrar fora dos limites cegantes da luz direcionada o homem que pode *ser* fora daquilo que pensa ver as claras. Saber que o que transborda é imensamente maior do que o pretense conteúdo de um conceito, que em sua gramática mortal já dilacera o que de mais humano pode-se ter, abraçamos o nebuloso infinito, sem foco o olhar abre-se e percebe o que parecia não estar, não ser. O encontro ocorre no que sobra ao *dito*, ao *visto*, na gramática que considera a ordem das coisas como ordem das ideias, mata o Outro que não está ali, mata quem ainda não nasceu como os fetos nos vidros de formol de Malaparte⁵⁷. Ampliando o mergulho no desconhecido das sombras, nos distanciamos ainda mais da passividade aparente ou por algum tipo de falta ou ausência, que abrindo-se, podem ser coloridas como a *aurora boreal*, uma luz com cores presentes apenas longe da luz focalizada, coloca o Outro como a possibilidade

⁵⁵ AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradutor: Vinícius Nicastro Honesko, Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 63.

⁵⁶ “Para realizar a atividade de profanação, Agamben circula entre a sistematicidade e seu abandono. A escritura é em si mesma uma proposta profana, movendo-se conscientemente entre o dizível e o indizível” AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. - São Paulo : Boitempo, 2007 p. 10.

⁵⁷ MALAPARTE, Curzio. **A pele**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. p. 294ss.

de uma aflição e angústia que não se relaciona com sofrimento, mas com a liberdade de um caminhar desprovido de uma bússola que defina previamente onde pretende-se chegar e o que se quer encontrar. O novo, não pode ser conhecido, pois assim nada de novo teria, o não saber deve ser a premissa de quem quer usar lentes novas para ver a novidade.

Acolher o dizer do Outro passa a ter uma clara influência em ambas as partes que se desafiam, pois a quebra da norma, abre lugar ao conjunto de sentidos que não se limitam ao que podem explicar e dominar. Sentir o infinito não cabe em uma ordem, seja de ideias e menos ainda em algum malabarismo conceitual, pois é sentido dentro do que mais humano se tem, na contradição ancestral do ser. Uma nova aquarela não tem apenas a chance de perturbar violentamente pela tristeza, mas de uma violenta abertura que leva a possibilidade de alteridade, de uma responsabilidade de alteridade. Um caminho que flerta constantemente com a corda bamba, aqui em fios bifurcados infinitos, pois o caminho seguro da calçada não alimenta mais o pensamento que é excesso. Assim, afastar-se em direção ao meio-fio, mais do que possibilitar ver em quem esbarrávamos sem rosto na calçada, leva ainda mais longe, agora à beira do abismo nos reconhecemos na dúvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Severino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradutor: Vinícius Nicastro Honesko, Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. - São Paulo : Boitempo, 2007.

_____. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 135.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Medo líquido**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **O mal-estar da pós modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Marinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª. Ed. revista. (obras escolhidas v. I) São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CARVALHO, Juliano Gomes. “**Escuta Prisional**: Presídio Estadual de Camaquã – apontamentos iniciais sobre as vozes do ‘cemitério dos vivos’”. In: *Anais do XIII Seminário Intermunicipal de Pesquisa - XI Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos – VIII Mostra de Atividades Extensionistas e Projetos Sociais da ULBRA (Campus Guaíba)*. Guaíba: 2010 [Formato Digital].
- CARVALHO, Juliano Gomes. “**Uma Radiografia dos Apenados na Sociedade Camaquense**”. In: *Anais do XII Seminário Intermunicipal de Pesquisa – X Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos – VII Mostra de Atividades Extensionistas e Projetos Sociais da Ulbra Campus Guaíba*. Guaíba: 2009 [Formato Digital].
- CASTOR, M. M. Bartolomé Ruiz. **A sacralidade da vida na exceção soberana**, a testemunha e sua linguagem. (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben. In: *Cadernos IHU* n. 39, ano 10, 2012.
- DERRIDA, Jacques. **Força de lei**: o fundamento místico da autoridade. Tradução de Leyla Perone-Moisés. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Apresentação de Norval Baitello Junior. São Paulo: Annablume, 2011.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 6a. Edição. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.
- _____. **Seguridad, território, población**: Curso en el Collège de France: 1977-1978 – 1a. ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 8ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- KAFKA, Franz. **O Veredito / Na Colônia Penal**. Tradução de Modesto Corone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 4ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MALAPARTE, Curzio. **A pele**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto alegre: EDIPUCRS, 2012,
- _____. “**O nervo exposto – por uma crítica da ideia de razão desde a racionalidade ética**” in: GAUER, R. M. C. (Org) *Criminologia e sistemas jurídicos-penais contemporaneos II*.
- _____. **Em Torno à Diferença**, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008.
- _____. **Kafka**: a justiça, o veredito e a colônia penal, um ensaio. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Razões Plurais** Itinerário da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

WARAT, Luis Alberto. **Introdução geral ao direito III**: o direito não estudado pela teoria jurídica moderna. Porto Alegre, Sergio Antonio Fabris Editor, 1997.

_____. **O direito e sua linguagem**. 2^a. edição aumentada, Sergio Antonio Fabris Editor, Porto alegre, 1995.